

**Um outro inexistente:
Quarto de despejo e a trajetória de Carolina Maria de Jesus***

Another non-existing: “*Quarto de despejo*” and The Trajectory of Maria Carolina de Jesus

Fábio Viana Ribeiro **

Resumo

*Os fundamentos da intolerância possivelmente encontram sua sustentação na separação do mundo social entre um “nós” e um “outro”; problema que por sua vez encontra-se ligado ao modo como a existência desses dois polos é construída em termos de conhecimento. Como objeto de análise, o livro *Quarto de despejo e a trajetória de sua autora, Carolina Maria de Jesus*.*

Palavras-chave

Carolina Maria de Jesus; intolerância social; sociologia fenomenológica.

Abstract

*The fundaments of intolerance possibly find support in the separation of the social world between the “we” and the “other”; problem which, in turn, is linked to how the existence of these two poles is constituted in terms of knowledge. As object of analysis, there is book “*Quarto de Despejo*” and the trajectory of its author Carolina Maria de Jesus.*

Key words

Carolina Maria de Jesus; Social Intolerance; Phenomenological Sociology.

* Artigo convidado.

** Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais (1992), mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (1997) e doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2005). Atualmente é professor adjunto na Universidade Estadual de Maringá. Tem experiência na área de Sociologia, com ênfase em Teoria Sociológica.

EM *O CORAÇÃO DAS TREVAS*, um dos personagens descreve para um pequeno grupo de ouvintes uma sombria versão do surgimento da cidade de Londres à época de sua ocupação pelos romanos.¹ Ao que parece, Joseph Conrad sugeria algo bastante perturbador a respeito das sociedades humanas; capaz de justificar boa parte da história “da conquista da terra” e baseado tão somente na diferença entre dois grupos, entre um “nós” e “aqueles que têm uma pele de cor diferente da nossa ou um nariz ligeiramente mais achatado”. Não, como se poderia inicialmente pensar, uma diferença que refletisse desigualdade de forças, de conhecimento, tecnologia, etc; mas sim, e tão somente, no fato de o grupo “deles” ser diferente do grupo “nosso”. Essa diferença, quase banal e primitiva, se constituiria num primeiro, mas também no mais profundo e perturbador motivo capaz de justificar a conquista de um território até então ocupado por outros ou mesmo seu aniquilamento. Talvez pela influência de nossas próprias instituições encarregadas de produzir interpretações aceitáveis a respeito do mundo social – entre elas a ciência – a idéia de que a natureza dos conflitos humanos resulta de questões mais amplas e complexas encontra melhor aceitação que a explicação do personagem de Conrad.

Assim, ainda que o entendimento da intolerância e da violência tenha sido buscado nas mais remotas e sofisticadas instituições sociais, a perturbadora suposição, posto que absolutamente elementar, de a *aceitação do outro* não ser frequentemente possível por este ser simplesmente o “outro” – permanece inalterada. O fato de que, em meio a esses processos de oposição, interesses de todo tipo estivessem presentes – expansão territorial, interesses comerciais, conflitos e acordos políticos, etc – não mudaria fundamentalmente a questão: tais motivos teriam possivelmente muito de sua força diminuída, se não possuíssem como matriz sempre presente a idéia de que o “nós” é irremediavelmente diferente do “eles”. Em outros termos, tanto na origem dos conflitos quanto em seu posterior desenvolvimento, essa diferença parece ser o elemento fundamental; seu desenvolvimento posterior, quando envolta em diversas causas explicativas, não viria a ser senão outras representações baseadas no mesmo

¹ (...) “Eles agarravam o que podiam simplesmente porque as coisas estavam ali para serem agarradas. Tudo se resumia em roubo com emprego de violência, agravado por assassinato em grande escala, com os homens se entregando a isso cegamente – o que não deixa de ser apropriado numa luta contra as trevas. A conquista da terra – o que, de um modo geral, significa tomá-la daqueles que têm uma pele de cor diferente da nossa ou um nariz ligeiramente mais achatado – não é uma coisa muito agradável de se ver quando observada por um tempo demasiadamente longo.” (...) CONRAD, Joseph. *O coração das trevas*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984. p. 13.

princípio. Nesse sentido e de modo inverso, a compreensão ou aceitação de qualquer membro do “grupo externo”, utilizando uma expressão de Alfred Schütz, pressupõe antes de tudo que este apresente garantias suficientes de já não ser mais exatamente um *outro*.

De acordo com isso, muitas das contemporâneas políticas de inclusão social e admissão de outros padrões culturais poderiam ser consideradas políticas de transformação do *outro* em um elemento que só poderá ser compreendido em sua diversidade por meio da utilização dos padrões culturais confiáveis e já utilizados pelo grupo estabelecido. Sob essa perspectiva, também os membros de qualquer “grupo interno” – professores universitários, torcedores de futebol, membros de uma igreja, militantes políticos, etc – passam boa parte de seu tempo confirmando e atualizando, por meios diversos, a certeza de que pertencem a um mesmo grupo. Não em termos de simples entendimento e decisões negociadas, mas de interiorização de práticas que confirmem a crença na existência de grandes semelhanças entre os que pertencem ao grupo: expressões semelhantes, vestuário semelhante, humor semelhante, explicações semelhantes para problemas semelhantes, etc. Seria possível dizer, nesse sentido, que as principais atividades do grupo só poderão se desenvolver na medida em que suas idéias encontrem fortes indícios de serem “atividades suficientemente semelhantes”.

Dentro da ótima coletânea organizada por Lewis Coser, *Sociology through literature*,² o único texto representante da língua portuguesa traz como título *Child of the dark*. Trata-se dos primeiros capítulos do livro *Quarto de despejo*, da escritora Carolina Maria de Jesus e publicado em 1960. O livro encontra-se dividido em vinte capítulos – cultura, socialização, poder e autoridade, pobreza, burocracia, etc. Cada um desses temas são representados por textos escritos por nomes conhecidos da literatura (Herman Melville, Mark Twain, Tolstói, Charles Dickens, Kafka, etc). A presença, entre tantos autores, da obscura autora de um livro quase desconhecido, desperta no leitor de língua portuguesa dúvidas a respeito do porquê de seu nome estar ali. Por motivos que serão aqui vistos, a história desse livro e de sua autora formam um caso isolado na literatura brasileira.

Não é reduzida na literatura a lista de livros que tiveram como tema ou propósito descrever o mundo dos que vivem à margem da sociedade. Em sua imensa maioria, tais

² COSER, Lewis. *Sociology through literature*. New Jersey: Prentice-Hall, 1972.

obras resultaram do modo como aqueles que viviam dentro da sociedade convencional imaginavam a vida fora de seus limites.³ Quando muito, a descrição desses universos resultou de uma decisão pessoal, na qual o autor abandona o mundo das “coisas estabelecidas” e, certo de seu próprio retorno, decide viver temporariamente entre os que foram socialmente excluídos. A impossibilidade de realização de muitos desses projetos encontra talvez sua explicação no fato de que tais universos, muito mais aterradores e incoerentes que a maioria das obras que tentaram retratá-los sugere,⁴ não permitem aos que neles vivem chances mínimas de descrevê-los; em função da contínua necessidade de sobrevivência ou ainda mesmo por simplesmente não ser possível descrevê-los através de meios que os que a eles não pertencem poderiam compreender. E é nesse sentido que reside o caráter excepcional de *Quarto de Despejo*, ele próprio um livro situado entre dois mundos. Em grande medida sua autenticidade deriva do fato de ter sido escrito por alguém que sempre havia vivido à margem da sociedade, certa de que suas chances de sair eram mínimas. Sendo que, abaixo desses limites, que são os da mera sobrevivência, simplesmente não poderia ter sido escrito.

No final dos anos cinquenta, Carolina Maria de Jesus, então com 44 anos de idade, vivia com seus três filhos (Vera Eunice, com 5 anos de idade; José Carlos, 8 anos, e João José, 10 anos) na favela do Canindé, em São Paulo. Única responsável pelas crianças (filhas de pais diferentes) havia migrado da cidade de Sacramento em Minas Gerais e passara a viver como catadora de papel. Os dois anos em que frequentou a escola primária lhe permitiram escrever um diário no qual reproduzia todo o universo existente ao redor de sua vida e de seus filhos.⁵ Por essa época o então

³ Entre muitos outros, por exemplo, *Fome*, de Knut Hamsun. Inclusive pelo fato de guardar em aspectos importantes semelhanças com o livro de Carolina Maria de Jesus.

⁴ A idéia pode ser sintetizada na conhecida frase de Mark Twain: “A diferença entre a verdade e a ficção é que a ficção faz mais sentido”.

⁵ Conforme será mais adiante discutido, *Quarto de despejo*, escrito sob forma de diário, não era o único nem, do ponto de vista da escritora, o principal livro escrito por Carolina Maria de Jesus. Em matéria publicada na revista *O Cruzeiro*, em novembro de 1960, Audálio Dantas descreve esse aspecto: “Levei os cadernos, sob forte desconfiança de Carolina, que já não acreditava em promessa de ninguém. Quando eu lhe disse que publicaria seu “diário” em livro, ela não disse nada; limitou-se a um sorriso entre amarga e irônica. Na verdade, ela não escrevia o “diário” pensando em publicá-lo. Preferia publicar um livro de poesias, contos, provérbios. Ou um romance (ela tem vários escritos) cujos personagens são imaginários condes, marqueses, costureiras, jogadores – gente burguesa, quase sempre, de fora da favela. Uma maneira de evadir-se, talvez, da própria miséria de seu meio.”

jornalista da revista *O Cruzeiro*, Audálio Dantas,⁶ acidentalmente tomou conhecimento de que Carolina Maria de Jesus mantinha um diário no qual descrevia a favela do Canindé, sobre a qual havia ido fazer uma reportagem. Percebendo o ineditismo da obra, Audálio Dantas manteve contato com Carolina Maria de Jesus, com os editores de *O Cruzeiro*⁷ e, mais tarde, com a Livraria Francisco Alves, que publicaria a primeira edição de *Quarto de despejo*. A primeira edição vendeu, apenas na cidade de São Paulo, 10.000 exemplares nos três primeiros dias de seu lançamento, e em seis meses mais de 90.000 exemplares em todo o país.⁸ Ainda hoje, Carolina Maria de Jesus é a escritora brasileira mais traduzida no exterior, tendo sido *Quarto de despejo* publicado em 14 idiomas. O rápido sucesso foi seguido por um declínio igualmente rápido. Entre esses dois momentos, Carolina Maria de Jesus receberia o dinheiro correspondente aos direitos sobre o livro, permitindo que se mudasse da favela do Canindé e vivesse uma vida bastante confortável. Tanto os meios de comunicação – televisão, jornais, etc – quanto grupos políticos – conservadores e de esquerda – passaram a assediá-la em tentativas de cooptação. Em pouco tempo voltaria a viver em outro subúrbio de São Paulo, quase tão pobre quanto por ocasião de seu encontro com Audálio Dantas. Poucos meses antes de seu falecimento, em 1977, foi vista trabalhando como catadora de papel.

Apesar do enorme sucesso, *Quarto de despejo* e Carolina Maria de Jesus caminharam rapidamente para o esquecimento. A explicação de que, como em muitos outros casos, tratar-se-ia de mais um efêmero produto lançado pela indústria editorial, não parece suficiente. De modo semelhante, mesmo sua forte personalidade e o despreparo para enfrentar um universo de situações estranhas ao seu conhecimento e experiência não poderiam ser apontadas como causa principal. Desde então a escritora e sua obra passariam a se constituir numa espécie de enigma.

Muitos dos livros e artigos que foram escritos sobre Carolina Maria de Jesus e *Quarto de despejo* também buscaram, sob esse ponto de vista, torná-los “coerentes”, ainda que à custa de selecionar na obra e na vida da autora aquilo que se adaptasse à

⁶ Audálio Dantas viria mais tarde a ser presidente do Sindicato dos Jornalistas do Estado de São Paulo, presidente da Federação Nacional dos Jornalistas e deputado federal. Atualmente é vice presidente da Associação Brasileira de Imprensa.

⁷ Antes sua publicação pela Livraria Francisco Alves, em agosto de 1960, Audálio Dantas já havia publicado trechos de *Quarto de despejo* e matérias sobre Carolina Maria de Jesus no jornal *Folha da Noite* e na revista *O Cruzeiro*.

⁸ LEVINE, Robert e MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Cinderela Negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994. p. 25.

hipótese com a qual se trabalhava. Com exceção talvez para o livro de Robert Levine e José Carlos Sebe Bom Meihy,⁹ muitas análises parecem não ter resistido a essa tentação:

Influenciada pelo ideário anticomunista da Guerra Fria, por vezes a escritora contrapõe democracia e comunismo como formas políticas antagônicas. Esta idéia é ilustrada quando escreve: “Antigamente era os operários que queria o comunismo. (...) O custo de vida fez o operário perder a simpatia pela democracia” (DE JESUS, 1983, p.99). Contraditoriamente, o livro possui um caráter denunciativo. Assim, afirma Ferreira (2004:118) que ao denunciar, Carolina é portadora de um ato político, que, se por um lado não se identificou com o ideário comunista, também não concordou com a ordem política e econômica hegemônica no Brasil de então. Foi por este motivo que *Quarto de despejo* foi retirado das prateleiras em 1964,¹⁰ sendo associado ao “fantasma” do comunismo.¹¹

Efetivamente, muitas passagens de *Quarto de despejo* não poderiam ser lembradas sem o risco de invalidar algumas das mais frequentes interpretações feitas a respeito da autora e da obra. Nestas, menos que o próprio livro, a análise da escritora substitui muitas vezes aquilo que escreveu. O que sugere que a autora era o livro a ser lido, menos que sua obra. Seu texto não poderia ser considerado sem grandes ressalvas por força de ter sido escrito por um “sujeito parcial”, “vítima do processo de alienação a que se encontrava submetido”. O ponto será discutido adiante: essa imperiosa necessidade de reinterpretação decorreria menos de “razões objetivas” e políticas, que da impossibilidade de compreensão de um *outro*, intraduzível para o padrão do *nós*. Em sentido oposto, é sugestivo o grande número de personagens públicos que, possuindo origem social semelhante à de Carolina Maria de Jesus, perderam parcialmente sua condição de “estrangeiros” ao aceitarem representar o novo papel social que lhes era oferecido.¹²

⁹ LEVINE, Robert e MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Cinderela Negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

¹⁰ A informação é questionável, considerando que *Casa de alvenaria*, segundo livro de Carolina de Jesus, de 1961, vendeu apenas 3.000 exemplares de um total de 10.000 publicados. Antes mesmo de 1964, as vendas de *Quarto de despejo* encontravam-se em franco declínio.

¹¹ SANTOS, Vívian. “Carolina Maria de Jesus: a construção cotidiana da nacionalidade brasileira”. *Revista Espaço Acadêmico*, nº 113, outubro de 2010.

¹² A descrição das trajetórias de nomes conhecidos da música popular brasileira, como Nelson Ned, Evaldo Braga, Agnaldo Timóteo, Benito di Paula, Odair José e outros, segue perspectiva semelhante. Ainda que os mesmos nunca tenham sido seriamente considerados pela crítica especializada, alcançaram

No caso de Carolina Maria de Jesus, um texto e uma postura “inválidas” do ponto de vista dos “mecanismos disponíveis para compreensão do outro”. Um mundo de violência, desespero, devaneio e lirismo inexistente nos meios intelectuais urbanos e da classe média. A não ser como exotismo – considerando que todo grupo produz, necessariamente, um modo de explicar qualquer aspecto da realidade, nem mesmo que seja no sentido de colocá-lo na categoria de “coisas exóticas e inexplicáveis”. Nesse particular, é talvez revelador o fato de *Quarto de despejo* ser hoje publicado como livro infante juvenil.¹³ Ocorre porém que tanto a autora quanto o livro não se adequavam exatamente a esse papel de exotismo. A primeira por sua postura e atitudes serem excessivamente marcantes para efeitos de “reconstrução de imagem”, enquanto o segundo por sua incongruência e seu perturbador realismo:

23 de maio

... O céu é belo, digno de contemplar porque as nuvens vagueiam e formam paisagens deslumbrantes. As brisas suaves perpassam conduzindo os perfumes das flores. E o astro-rei sempre pronto para se despontar e se recluir. As aves percorrem o espaço demonstrando contentamento. À noite surge as estrelas cintilantes para adornar o céu azul. Há várias coisas belas no mundo que não é possível se descrever. Só uma coisa nos entristece: os preços, quando vamos fazer as compras. Ofusca todas as belezas que existe.¹⁴

16 de junho

... Hoje não temos nada para comer. Queria convidar os filhos para nos suicidar. Desisti. Olhei para meus filhos e fiquei com dó. Eles estão cheios de vida. Quem vive, precisa comer. Fiquei nervosa, pensando: Será que Deus me esqueceu? Será que ele ficou de mal comigo?

06 de julho

(...) Falamos do J.P., que quer se amasiar com sua filha I. (...) Ele mostra para a filha e convida...

- Vem minha filha! Dá para o seu papaizinho! Dá... só um pouquinho. Eu já estou cansada de ouvir isto, porque infelizmente eu sou vizinha do J.P. (...) É um homem que não pode ser admitido numa casa onde tem crianças.

Eu disse:

- É por isso que eu digo que a favela é o chiqueiro de São Paulo.

um alto grau de admiração por parte do grande público. ARAÚJO, Paulo César. *Eu não sou cachorro, não*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

¹³ A única edição atualmente disponível é publicada pela Editora Ática, na categoria de livros infante juvenil. No meio acadêmico o livro é não apenas pouquíssimo conhecido como frequentemente não consta do próprio acervo das bibliotecas.

¹⁴ Audálio Dantas, organizador do diário, preferiu manter o texto o mais próximo possível dos originais.

Enchi minha lata e zarpei, dando graças a Deus por sair da torneira. A C. disse que pediu dinheiro ao seu pai para comprar um par de sapatos, e ele disse:

- Se você me der a... eu te dou cem.

Ela deu. E ele lhe deu só cinquenta. Ela rasgou o dinheiro e a I. catou os pedaços e colou.

Por isso que eu digo que a favela é o gabinete do Diabo.

... Fiz o almoço, depois fui escrever. Estou nervosa. O mundo está tão insípido que eu tenho vontade de morrer. Fiquei sentada no sol para aquecer. Com as agruras da vida somos uns infelizes perambulando aqui neste mundo. Sentindo frio interior e exterior.

07 de julho

... A dona Angelina Preta estava dizendo que vai vender o seu barraco e vai mudar para Guianases. Que não suporta mais morar na Rua A. Fiquei contente ouvindo ela dizer que vai mudar.

Cantamos *A jardineira*.

Até eu, o dia que me mudar hei de queimar incenso para agradecer a Deus. Hei de fazer jejum mental, pensar só nas coisas boas que agradam a Deus.

26 de dezembro

... Aquela senhora que reside na Rua Paulino Guimarães número 308 deu uma boneca para a Vera. Nós íamos passando quando ela chamou a Vera e lhe disse para esperar. A Vera me disse:

- Acho que vou ganhar uma boneca.

Respondi:

- E eu acho que vamos ganhar pão.

Eu notava a sua ansiedade e curiosidade de saber o que ia ganhar. A senhora saiu do interior da casa com a boneca.

A Vera me disse:

- Eu não disse! Eu acertei!

E foi correndo pegar a boneca. Pegou a boneca e voltou correndo para me mostrar. Ela agradeceu e disse que as meninas da favela iam ficar com inveja. E que ela ia rezar todos os dias para a mulher ser feliz. Que ela vai ensinar a boneca a rezar. E vai levar ela na missa para rezar para a mulher ir para o céu e não ter doenças que dói muito.

Quarto de despejo é hoje um livro praticamente desconhecido. Não se trata apenas de um livro que fez enorme sucesso e em pouquíssimo tempo foi esquecido por todos que o leram. Antes disso, um livro realmente importante, considerando quem o escreveu e sobre o que escreveu. Certamente seu “desaparecimento” encontra-se ligado, em alguma medida, *também* a questões de ordem política. Nele próprio, mas também nos livros que se seguiram e na própria figura de Carolina Maria de Jesus, talvez inexista linearidade e coerência suficiente para efeito de reconstrução de uma memória adequada aos projetos dos diversos grupos que poderiam associar seus ideais políticos à imagem da escritora.

As raras e discretas homenagens feitas à autora parecem rezear a figura integral de Carolina Maria de Jesus.

A trajetória de Carolina implica a visão de um lado pouco mostrado da cultura brasileira: a luta cotidiana de uma mulher “de cor”, pobre e desprovida dos favores do Estado, de organismos sociais, de instituições e até de amigos. Logicamente isto não remete apenas a ela enquanto indivíduo, mas também a todo o sistema que abriga os despossuídos legados ao anonimato. O que a distinguiu dos demais foi o fato de ser um tipo capaz de desafiar a pobreza e seus promotores através de incomum capacidade de luta e perseverança e de uma agressiva personalidade. Sua inconquistabilidade e contradição, inerentes à sua trajetória, fizeram-na um tipo de difícil captação, e talvez por isso nunca tenha sido biografada. O que mais intriga na inexistência de relatos sobre a vida da escritora é que esta ausência fermenta a imaginação de quantos viveram o tempo de sua carreira e de sua trajetória hoje fadada a ser esquecida.¹⁵

Escrevendo sobre como compreendia o mundo alcançado por seu olhar, o livro de Carolina Maria de Jesus foi lido nem tanto *por aquilo* que diretamente dizia sobre a favela, mas *por ser* o texto de uma favelada escrito sobre a favela; nesse sentido, quase como documento antropológico relativo a um mundo desconhecido. Tal suposição encontra apoio no fato de que, na sequência de *Quarto de despejo*, todos os livros escritos por Carolina Maria de Jesus venderam pouquíssimos exemplares.¹⁶ Da mesma forma que *Quarto de despejo* não foi escrito dentro de uma perspectiva que se adequasse ao modo como a maioria de seus leitores imaginavam a vida numa favela, mas tão somente da maneira como a autora via o mundo ao seu redor, da mesma forma os livros que se seguiram tinham como propósito não o fornecimento de “material antropológico” para o meio acadêmico, sempre curioso a respeito do modo como vivem os pobres, mas como continuação de outros projetos da própria escritora, que pretendia ainda publicar textos de poesia, provérbios, músicas, etc.¹⁷ Em outros termos, uma obra escrita sob uma perspectiva inversa àquela que poderia ser lida e compreendida.

¹⁵ LEVINE, Robert e MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Op. Cit.* p. 19.

¹⁶ *Casa de alvenaria*, publicado em 1961, *Provérbios e Pedços da fome*, de 1963 e *Diário de Bitita*, edição francesa póstuma de 1982 (o livro só viria a ser publicado no Brasil alguns anos depois).

¹⁷ A respeito da personalidade e atitudes contraditórias de Carolina Maria de Jesus, aspecto pouco observado por muitos autores, Audálio Dantas comenta: “E mais ainda, tenho a profunda convicção, por tudo que li sobre ela, por seu comportamento, de que, ao mesmo tempo em que vivia aquela situação de profunda miséria, ela sempre se considerou uma pessoa acima daquele grupo do qual fazia parte. Carolina representava, de certo modo contraditoriamente – e para mim isso é muito importante dizer –, a visão do colonizador, no sentido amplo do termo, por mais paradoxal que isso pareça. Tinha a visão do branco, dos

Contudo, mais que ser apenas um problema político e referido aos valores de uma classe social, um problema que diz respeito às possibilidades de conhecimento e aceitação do outro. Não raro, muitos casos bem sucedidos do ponto de vista editorial e fonográfico *não significaram* a compreensão, por parte do público, daquilo que o “outro” pretendia dizer, ocorrendo o contrário, a despeito da manifestação explícita do autor.¹⁸ Em seu limite, um escritor particularmente sensível ao problema, assim o descreveu:

O caso é que certo dia, o tão mimado artista da fome viu-se abandonado pela multidão ansiosa de diversões, que preferia outros espetáculos. O empresário percorreu outra vez com ele meia Europa, para ver se em algum lugar encontrariam ainda o antigo interesse. Tudo em vão: como por obra de um pacto, havia nascido ao mesmo tempo, em todas as partes, uma repulsa pelo espetáculo da fome. Claro que, na realidade, este fenômeno não se podia ter dado assim de repente, e, meditativos e compungidos, recordavam agora muitas coisas que no tempo da embriaguez do triunfo não tinham considerado suficientemente, presságios não atendidos como mereciam ser. Mas agora era muito tarde para tentar algo contra isso. Certo que era indubitável que alguma vez tornaria a apresentar-se a época dos jejuadores, mas para os que viviam agora, isto não era consolo. Que devia fazer, pois, o jejuador? Aquele que tinha sido aclamado pelas multidões, não se podia mostrar em barracas pelas feiras rurais; e para adotar outro ofício, não somente era o jejuador muito velho, porém estava fanaticamente enamorado da fome. Portanto, despediu-se do empresário, companheiro de uma carreira incomparável, e fez-se contratar por um grande circo, sem sequer examinar as condições do contrato¹⁹.

Por mais cabalmente que se prove a existência do *outro*, que seja demonstrado que seu conhecimento e suas palavras são tão significativas quanto as produzidas e ditas pelos que representam o “nós”, não se trata apenas de um problema de demonstração lógica, ou nem mesmo e exatamente, uma questão de poder, no sentido político usual do termo. Mais que isso, trata-se dos limites de alcance existentes, disponíveis numa

que detêm o poder. Na verdade ela vivia em conflito permanente com o grupo, porque se considerava superior. E realmente, do ponto de vista intelectual, ela era superior ao grupo. Era capaz de se expressar e de ter acesso ao mundo de fora, como efetivamente acabou tendo”. LEVINE, Robert e MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Op. Cit.* p. 103.

¹⁸ O caso do músico Geraldo Vandré, símbolo da música de protesto no Brasil no final da década de 60, vem a ser um dos mais curiosos exemplos desse tipo de “incompreensão social”. ARAÚJO, Paulo César. *Op. Cit.*, p. 106-112.

¹⁹ KAFKA, Franz. “Um artista da fome”. *A colônia penal e outros contos*. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d. p. 160-161.

cultura, para efeito de compreensão do *outro*. Algumas idéias e indivíduos talvez nunca possam ser compreendidos por simplesmente estarem demasiadamente deslocados de um padrão social aceitável de compreensão, como a peça errada de um quebra-cabeça. Muitos grupos de vanguarda e movimentos conservadores, ainda que frequentemente lembrados por sua “dissonância social”, na medida em que buscam ocupar espaços que *podem* vir a existir no futuro ou claramente *existiram* um dia no passado, não encontram as mesmas dificuldades de aceitação que pesam sobre outros grupos ou indivíduos socialmente deslocados. Em muitos casos, a depender das circunstâncias, as chances de uma “compreensão tardia” estarão sempre disponíveis sob formas que recebem os nomes de “reapropriação”, “reabilitação”, “redescobertas”, etc, por aqueles que, talvez mais que os próprios autores dessas idéias, imaginaram compreender o que realmente as mesmas representavam. Em outros casos, como o de Carolina Maria de Jesus, menos que isso parece ter ocorrido.

Por uma infeliz coincidência de circunstâncias sua posição era muito semelhante à de um estrangeiro, que por força do lugar onde ocorreu sua socialização primária, jamais poderia se transformar efetivamente num membro do grupo que o acolheu.²⁰ De certa forma, mesmo o estrangeiro possui vantagens em relação a esse caso. No mínimo, lhe será reservado, para efeito de representação social, o papel de estrangeiro. Ainda que viva sob o signo da incompreensão e sua lealdade permaneça sendo alvo de constante dúvida, o fato de ser definido como estrangeiro lhe assegura garantias mínimas de existência. Mais que isso, com algum esforço, poderá descobrir a utilização de algumas raras possibilidades abertas por sua condição de estrangeiro, como, por exemplo, se transformar em intérprete de um mundo – aquele ligado a sua origem – que, mesmo distante, muitas vezes em função dessa distância e do fato de *pré existir* na cultura que o acolheu, poderá ser considerada uma *representação válida*. No caso de *Quarto de despejo*, tanto quanto da própria Carolina Maria de Jesus, muitas dessas possibilidades não existiam. A *região social* na qual vivia e seu peculiar modo de interpretar o mundo, simplesmente não constava do conjunto de coisas consideradas existentes e válidas pela maioria de seus contemporâneos. Da mesma forma que um livro sobre extraterrestres pode, eventual e momentaneamente, atrair grande atenção do público e vender muitos exemplares, mas ainda assim não conseguir manter por muito tempo interessados todos

²⁰ BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 190.

aqueles que o leram. Pelo simples fato dos modelos interpretativos disponíveis para fins de *aceitação* da idéia de extraterrestres não possuem consistência suficiente. Ao contrário de muitos temas recorrentes no mundo da ciência, da política, do esporte, da arte e outros que, mesmo contra todas as probabilidades de *poderem* ser considerados *razoáveis* sob a perspectiva daqueles que aos mesmos não pertençam, se beneficiam do fato de, já antes mesmo de serem apresentados, possuem sua credibilidade garantida por modos de interpretação pré existentes. Não era esse o caso de *Quarto de despejo*, ao descrever um mundo excessivamente *diferente* e impossível de ser assimilado sem grandes mediações.

Não fosse por um acidente – a descoberta de Carolina Maria de Jesus pelo então repórter Audálio Dantas –, *Quarto de despejo* jamais teria sido publicado ou conhecido. E, passado pouco mais de dois anos, a explícita crueza de seu texto passou a se constituir numa espécie de “ação inválida”. Sua memória sobrevive atualmente no Brasil como literatura infanto juvenil e, como talvez aqui seja feito, objeto de curiosidade intelectual. O fato de alguns comentaristas se referirem ao livro e a sua autora em termos de se constituírem num enigma é revelador de um deslocamento social para o qual não haveria nem mesmo um modelo de análise literária adequado.²¹ Considerando o fato de ser *Quarto de despejo* um diário, e ainda tudo o que se seguiu ao momento da descoberta de Carolina Maria de Jesus como escritora – sua forte personalidade e os outros livros que decidiu publicar por sua própria conta – são adequadas as observações de Alfred Schütz a respeito da condição de um estrangeiro:

Mas muito frequentemente, a repreensão da lealdade duvidosa origina-se no espanto dos membros do grupo interno de que o estrangeiro não aceite a totalidade do padrão cultural do grupo interno como o natural e apropriado estilo de vida e como a melhor de todas as possíveis soluções de qualquer problema. O estrangeiro é chamado de ingrato, desde que ele rejeite admitir que o padrão cultural oferecido a ele o concede abrigo e proteção. Porém, estas pessoas não entendem que o estrangeiro no estado de transição não considera, de modo algum, este padrão como um abrigo protetor, mas como um labirinto no qual ele tem perdido todo seu senso de direção.²²

²¹ *Quarto de despejo* suscitou, no meio intelectual, posturas distintas em relação ao seu valor e significado. Enquanto muitos partiam do princípio de que o livro não poderia ser considerado uma obra literária, outros – como Sérgio Milliet e Helena Silveira, efetivamente perceberam o valor e o ineditismo do livro.

²² SCHÜTZ, Alfred. “O estrangeiro”. *Revista Geraes* – estudos em comunicação e sociabilidade. n° 53. 2002. p. 61.

Algo semelhante parece ter acontecido com Carolina Maria de Jesus, na medida em que insistiu na publicação de outros livros sob uma perspectiva que não era nem a de alguém que se identificava com o mundo da favela²³ nem a de uma outra escritora, na qual se refletissem os valores do mundo que a havia “acolhido”. Ainda que tenha se sentido muito atraída pelo mundo de conforto que experimentou fora da favela, não se preocupou grandemente em pensar e se posicionar política e socialmente sob essa nova condição; tanto quanto também não se preocupou em continuar pensando como ex-moradora da favela. Desse modo, suas opiniões, seus livros, e sua própria pessoa, voltaram a possuir o caráter *não válido* dos momentos que antecederam o sucesso. Assim, a principal “acusação” que lhe seria feita em muito se assemelhava à observação de Alfred Schütz sobre a condição de permanente deslocamento social de um estrangeiro, ao não usar os sistemas de explicação e entendimento disponibilizados pelos grupos que a acolheram ou ofereceram acolhimento – seus vizinhos da favela, vizinhos da classe média, grupos de esquerda, políticos conservadores, etc. No fim, ela própria, uma estranha incapaz de se adaptar quaisquer a dos mundos disponíveis.

Se por um lado havia *diferença* em excesso naquilo que o livro dizia e Carolina Maria de Jesus representava, por outro, confirmando o mesmo efeito de não aceitação, havia também a explícita recusa, por parte da escritora, em fazer quaisquer concessões aos que dela se aproximaram. Tais características, naturalmente, se somaram ao fato de ostentar os símbolos mais evidentes da pobreza, de ser negra, mãe de três filhos de pais diferentes, etc. Fundamentalmente, por ser “diferente demais”.²⁴ Como ilustram exemplos que guardam alguma proximidade com o problema, tais diferenças poderiam até mesmo serem “adequadamente aproveitadas” num outro contexto.²⁵ No caso de Carolina Maria de Jesus, essas diferenças não passaram por nenhum processo de

²³ Audálio Dantas comenta a respeito do lançamento do livro: “A grande repercussão do livro foi causada, em primeiro lugar, pelo impacto em si da novidade. Essa classe média que consome e destrói tudo com a maior facilidade, a consumiu e depois... Era uma certa “babaquice” nacional, vamos usar essa expressão. Porque aí começaram aquelas homenagens, e vai pra lá e vai pra cá... Recebe um título da Academia de Letras do Largo de São Francisco, uma revista estrangeira, a *Life*, patrocina sua hospedagem no Copacabana Palace, vai comer nos restaurantes mais finos. Enfim, as pessoas a consumiam. (...) Toda essa badalação deixaria a cabeça de qualquer um confusa, e imagine a dela, que já tinha uma boa dose de paranóias. Ela começou a se ressentir disso no momento em que tudo acabou, no momento em que as pessoas, depois de consumi-la, a deixaram de lado. Ela fez várias tentativas de ressurgimento. Os outros livros foram isso.” LEVINE, Robert e MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Op. Cit.* p. 19.

²⁴ A idéia de não aceitação fundamentada na simples diferença entre um *nós* e um *eles* é descrita de forma profunda e comovente no conto *Boitelle*, de Guy de Maupassant.

²⁵ ARAÚJO, Paulo César. *Op. Cit.*, 2007.

“adequação” que as fizessem “menos diferentes”. Num sentido estritamente sociológico, em qualquer época ou cultura, parece haver sempre um preço a ser pago por qualquer indivíduo ou grupo que não se disponha a negar uma parte daquilo que o difere em relação aos demais grupos ou outros indivíduos.

Uma última questão se refere ao curioso fato da obra de Carolina Maria de Jesus ter sido melhor aceita no exterior que no Brasil. Algumas edições, como *Diário de Bitita*, foram publicadas lá, antes mesmo que no Brasil. É possível que diferenças importantes entre os dois contextos expliquem o contínuo interesse por seus livros no exterior. Lá, ao contrário do que ocorreu no Brasil, não parece haver existido os impedimentos políticos e o estranhamento de classe já mencionados; diferente do que ocorreu aqui, não havia uma classe média que pudesse se incomodar com a estética e a descrição de um mundo que, desagradavelmente, sugeria a responsabilidade dos que permitiram a produção de quadros de tamanha desigualdade e abandono.

Ser um estrangeiro em seu próprio meio possui maiores inconvenientes do que *ser descrito como* um estrangeiro num outro lugar. Neste último caso, em função de algumas distâncias – geográficas, culturais, linguísticas, etc –, a diferença seria entre um “nós” e “aqueles que estão muito longe de nós”. Na medida em que se encontra distante, essa diferença não se apresenta como ameaça ou incômodo. Em seu próprio país, o exemplo e as atitudes de um estrangeiro “autóctone” colocam em dúvida certezas muito caras ao grupo. Como foi inicialmente observado, em função, por assim dizer, da automática necessidade do grupo interno produzir uma interpretação a respeito de tudo aquilo que o circunda, inclusive daquilo que do grupo difere. Em função disso o “estrangeiro que vive em seu próprio território” poderá ser visto como um problema maior na medida em que, tendo estado sempre ali, pode oferecer maiores dificuldades de adequação às fantasias criadas pelo grupo a respeito do modo como vivem aqueles que, mesmo não ostentando seus símbolos e possuindo suas atitudes, são de fato seus semelhantes. Situação que guarda proximidade com aquilo que Alfred Schütz observa a respeito do soldado que retorna ao lar:

Mas, não importa o que lhe aconteça, essas circunstâncias particulares são sua experiência única, individual, pessoal, que ele nunca vai permitir que seja tipificada. Quando o soldado retorna e começa a falar – se é que começa a falar – fica surpreso ao ver que os seus ouvintes, mesmo os que lhe são simpáticos, não compreendem a

qualidade única dessas experiências individuais, que fizeram dele outro homem. Procuram no que ele relata traços familiares, categorizando-o nos *seus* tipos pré-formados da vida do soldado na frente. Para eles, apenas em pequenos detalhes o seu relatório difere do que contaram todos os que retornaram ao lar e do que leram em revistas e viram nos filmes. Pode acontecer que muitos atos que para as pessoas em casa parecem ser a mais alta expressão de coragem são para o soldado em combate mera luta pela sobrevivência ou cumprimento de um dever, enquanto que muitos momentos de real provação, sacrifício e heroísmo passam despercebidos ou não são apreciados pelas pessoas no lar.²⁶

A obra de Carolina Maria de Jesus, suas palavras e seus livros, não poderiam *fazer sentido* em função de inexistirem modelos interpretativos para tal entre muitos daqueles que a leram ou a conheceram. Mudar as certezas que derivam dos modelos existentes seria esperar o impossível. Se causa espanto o fato de um livro ter sido escrito em condições de pobreza e desespero tão extremas, ou que ela própria e seus três filhos tenham simplesmente sobrevivido, seria isso, a mudança dessa recepção, quase equivalente a imaginar a inversão da própria ordem predominante de realidade. Para que fosse compreendida ou aceita, Carolina Maria de Jesus teria de deixar de ser ela mesma – caso lhe fosse permitido e desejasse –, o que não foi permitido nem parece ter sido desejado. Mas nesse caso, talvez já não fosse necessária qualquer compreensão nem o que compreender.

Revisão: Ms. André Tessaro Pelinser

Referências

ARAÚJO, Paulo César. *Eu não sou cachorro, não*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

BERGER, Peter e LUCKMAN, Thomas. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 2008.

CONRAD, Joseph. *O coração das trevas*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.

COSER, Lewis. *Sociology through literature*. New Jersey: Prentice-Hall, 1972.

HAMSUN, Knut. *Fome*. São Paulo: Abril Cultural, 1985.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo*. São Paulo: Círculo do Livro, 1993

KAFKA, Franz. *A colônia penal e outros contos*. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

²⁶ WAGNER, Helmut. *Fenomenologia e relações sociais* – textos escolhidos de Alfred Schütz. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p. 297-298.

LEVINE, Robert e MEIHY, José Carlos Sebe. *Cinderela Negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

MAUPASSANT, Guy. *Obras de Guy de Maupassant*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1983.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. “Catadora de vidas”. *Revista do Museu Nacional*. maio de 2010.

MORAES, Mário. “Quarto de despejo”. *O Cruzeiro*. Novembro de 1960. p.51.

SANTOS, Vívian. “Carolina Maria de Jesus: a construção cotidiana da nacionalidade brasileira”. *Revista Espaço Acadêmico*, nº 113, outubro de 2010.

SCHÜTZ, Alfred. “O estrangeiro”. *Revista Geraes – estudos em comunicação e sociabilidade*. nº 53. 2002.

WAGNER, Helmut. *Fenomenologia e relações sociais – textos escolhidos de Alfred Schütz*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.